

A. Latina convida países ricos para dialogar em 1985

Mar del Plata — Reafirmando a “necessidade de diálogo como fator de entendimento”, os Chanceleres e Ministros da Fazenda de 11 países latino-americanos assinaram, ontem à noite, o Comunicado de Mar del Plata, no qual julgaram essencial convidar os Governos de países industrializados “para um diálogo político direto”, que poderia ser realizado no primeiro semestre de 1985.

Segundo o documento, que tem 10 itens e foi lido pelo Chanceler argentino, Dante Caputo, os países signatários deverão discutir o problema da dívida externa em todos os “foros pertinentes” (Fundo Monetário Internacional, comitês de desenvolvimento do Banco Mundial, Organização das Nações Unidas e outros organismos internacionais) visando a sensibilizar os países credores para as dificuldades que os devedores atravessam. Também foi marcada para o primeiro trimestre de 1985, na República Dominicana, uma terceira reunião do chamado Consenso de Cartagena.

Teor moderado

Os Ministros assinalaram sua preocupação com a falta de urgência, por parte dos países ricos, para tentar resolver o problema da dívida externa, salientando que a alta das taxas de juros internacionais, logo após o encontro de Cartagena, em junho passado, “agravou as conseqüências negativas derivadas de seu nível excessivamente elevado”.

Registraram também que a estabilização das taxas internacionais, nos níveis atuais, dificulta a execução de projetos no campo econômico e mantém em vigência os problemas de endividamento externo e interno, impossibilitando “um manejo adequado das políticas de desenvolvimento da região”.

Com teor moderado, alguns tons abaixo do discurso do Presidente Raul Alfonsín, na abertura da reunião ministerial, o documento adverte que “as manifestações de recuperação da atividade econômica continuam concentradas em alguns países desenvolvidos, que seguem aplicando políticas que afetam as perspectivas de crescimento da maioria dos países da comunidade internacional”.

O Comunicado de Mar del Plata denuncia ainda a continuidade de tendências restritivas e protecionistas no comércio, por parte de países ricos, e reiterou sua preocupação pelo posicionamento atual das nações ricas.